

A AMOSTRAGEM EM BOLA DE NEVE NA PESQUISA QUALITATIVA: UM DEBATE EM ABERTO

Juliana Vinuto

RESUMO: Este artigo pretende discutir a amostragem nomeada como “bola de neve”, uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência. Apesar de suas limitações, a amostragem em bola de neve pode ser útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, bem como quando não há precisão sobre sua quantidade. Além disso, esse tipo específico de amostragem também é útil para estudar questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, que requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar informantes para estudo. Apesar da existência de alguns trabalhos sobre essa forma de amostragem em outros países, no Brasil é quase nula a produção de artigos referentes à própria aplicação dessa forma de amostragem, e este trabalho pretende auxiliar nas discussões possíveis sobre a mesma.

PALAVRAS-CHAVE: amostragem em bola de neve; amostra não probabilística; métodos qualitativos.

ABSTRACT: This article intends to discuss the sampling method named snowball, which is not probabilistic and uses references chains. Despite its disadvantages, the snowball sampling is powerful to study groups which are hard to be accessed or studied, and also when there is no precision on its quantity. Besides, this specific kind of sampling is also useful to study delicate topics, of private matter, and it therefore demands the knowledge of people who belong to the group or are recognized by them for them to be located. Although there are some works about this sampling method in other countries, the articles production concerning this sampling application is nearly null in Brazil; this work intends to be useful on possible discussions on the theme.

KEYWORDS: snowball sampling; non probabilistic sampling; qualitative methods.

Diversas pesquisas já lançaram mão da amostragem em bola de neve, mas na grande maioria delas não se define as razões pelas quais sua utilização mostra-se importante. Além disso, há também casos em que se desenvolve um trabalho parecido com o desse tipo de amostragem, mas não se nomeia dessa forma, muitas vezes não encarando-a com a seriedade necessária. Assim, quem decide desbravar o mundo desse tipo de amostragem não probabilística acaba por se situar numa linha tênue entre os critérios de uma pesquisa que se preocupa com a representatividade do objeto e as técnicas de amostragem mais heterodoxas da pesquisa qualitativa. Talvez justamente por se situar nesse espaço ambíguo, a amostragem em bola de neve encontre-se tão periférica na prática de pesquisa em sociologia e demais ciências sociais, e tão pouco definida nas raras vezes em que é utilizada. Como afirmam Handcock e Gile (2011, pág. 1):

Confusion over the definition of “snowball sampling” reflects a phenomena in the sociology of science: that multi-disciplinary fields tend to produce a plethora of inconsistent terminology. Often the meaning of a term evolves over time, or different terms are used for the same concept. More confusing is the use of the same term for different concepts. The term “snowball sampling” suffers from this treatment¹.

A amostragem em bola de neve oferece diversos benefícios para problemas de pesquisa específicos, devendo-se levar em consideração também suas limitações, sendo que este artigo pretende contribuir com este debate.

¹ Tradução livre: “A confusão sobre a definição de ‘amostragem bola de neve’, reflete um fenômeno em sociologia da ciência: a de que os campos multi-disciplinares tendem a produzir uma infinidade de terminologia inconsistente. Muitas vezes, o significado de um termo evolui ao longo do tempo, ou termos diferentes são usados para o mesmo conceito. Mais confuso é a utilização de um mesmo conceito para diferentes conceitos. O termo ‘amostragem bola de neve’ sofre com esse tratamento”.

O CONCEITO E A PRÁTICA DA AMOSTRAGEM EM BOLA DE NEVE

O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados.

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes*, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise.

Dessa forma, apesar da aparência relativamente simples da amostragem em bola de neve, há diversas implicações que devem ser levadas em conta ao escolhê-la para o desenvolvimento de uma pesquisa. Nesse sentido, vários autores ressaltam que não se deve lançar mão desse tipo de amostragem se o objetivo da pesquisa estiver relacionado à probabilidade, já que isso não poderá ser alcançado com a bola de neve. Talvez a inexistência de poucos trabalhos sobre a amostragem em bola de neve, já que trabalhos acadêmicos usualmente discutem mais detidamente as amostras probabilísticas. Apesar disso, na prática de pesquisa muitas pessoas lançam mão desse tipo de amostragem, porém muitas vezes sem problematizar seu uso: “For this reason, this latter non-probabilistic usage of ‘snowball sampling’ is most common in practice, although less common

in the statistical literature, which favors the probabilistic formulations²” (HANDCOCK; GILE, 2011, p. 3).

Segundo Bernard (2005), esta técnica é um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas (*Hard-to-find or hard-to-study populations*) ou que não há precisão sobre sua quantidade. Essas dificuldades são encontradas nos mais variados tipos de população, mas em especial nos três tipos que seguem: as que contêm poucos membros e que estão espalhados por uma grande área; os estigmatizados e reclusos; e os membros de um grupo de elite que não se preocupam com a necessidade de dados do pesquisador. Em complemento, para Biernacki e Waldorf, a amostragem em bola de neve também pode ser utilizada quando a pergunta de pesquisa estiver relacionada a questões problemáticas para os entrevistados, já que os mesmos podem desejar não se vincular a tais questões: “The method is well suited for a number of research purposes and is particularly applicable when the focus of study is on a sensitive issue, possibly concerning a relatively private matter, and thus requires the knowledge of insiders to locate people for study³” (BIERNACKI; WALDORF, 1981, p. 141).

Em suma, a amostragem em bola de neve mostra-se como um processo de permanente coleta de informações, que procura tirar proveito das redes sociais dos entrevistados identificados para fornecer ao pesquisador com um conjunto cada vez maior de contatos potenciais, sendo que o processo pode ser finalizado a partir do critério de ponto de saturação. Porém, é importante lembrar que para definir o ponto de saturação deve-se estar atento às sutilezas da pesquisa de campo, já que muitas vezes o pesquisador tem dificuldades para compreender as

² Tradução livre: “Por esta razão, este último uso não-probabilístico da “amostragem em bola de neve” é mais comum na prática, embora menos comum na literatura estatística, que favorece as formulações probabilísticas”

³ Tradução livre: “O método é adequado para uma série de fins de pesquisa e é particularmente aplicável quando o foco do estudo é uma questão sensível, possivelmente sobre algo relativamente privado, e, portanto, requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidos por estas para localizar pessoas para estudo”.

informações novas narradas por seus informantes e, por isso, acaba por finalizar a pesquisa mais cedo do que poderia.

A amostragem de bola de neve é utilizada principalmente para fins exploratórios, usualmente com três objetivos: desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes. É importante ressaltar que a amostragem em bola de neve não é um método autônomo, no qual a partir do momento em que as sementes indicam nomes, a rede de entrevistados aumenta por si mesma. Isso não ocorre pelos mais variados motivos, sendo um deles o fato de os entrevistados não serem procurados ao acaso, mas a partir de características específicas que devem ser verificadas a cada momento. Além disso, as pessoas indicadas não necessariamente aceitarão fazer parte da pesquisa, o que também pode prejudicar o aumento da rede de contatos para a pesquisa.

Para ilustrar melhor a importância desta técnica, mostra-se útil remeter a um dos mais importantes exemplos de seu uso, a partir do clássico “Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada”, de William Foote Whyte (WHYTE, 2005). Publicado em 1943, Sociedade de Esquina é uma pesquisa realizada em Cornerville, nome fictício para o bairro de North End (localizado na cidade de Boston, no estado de Massachusetts) habitado por imigrantes italianos e conhecido à sua época pelas práticas de contravenção de seus moradores, usualmente divulgadas na mídia. Para desenvolver sua observação participante, Whyte realizou contatos iniciais que geraram contextos e encontros, nos quais ele pôde estudar as dinâmicas de alguns grupos localizados no bairro. Esse trabalho demonstra a importância de se obter apoio de indivíduos já inseridas no grupo a ser estudado a fim de aumentar a rede de contatos inicial, principalmente no caso de pesquisas nas quais inicialmente são se conhece muito bem as pessoas importantes a serem abordadas.

Apesar de Whyte não nomear sua forma de amostragem inicial como bola de neve, é possível apreender a partir de seu texto a utilização da mesma. Pode-se observar que a primeira semente de sua pesquisa foi a assistente social do centro comunitário local, que lhe apresentou

Doc, personagem principal de sua obra e que lhe propiciou a entrada necessária no campo, lhe apresentando a contatos importantes para o desenvolvimento de seu trabalho. Como afirma Whyte (2005, p. 293): “Num certo sentido, meu estudo começou na noite de 4 de fevereiro de 1937, quando a assistente social me chamou para conhecer Doc”.

Como o autor afirma diversas vezes em seu trabalho, ele não conhecia ninguém do local no qual gostaria de desenvolver sua pesquisa de campo. Com o auxílio da referida assistente social, iniciou sua rede de contatos, que foi expandida a partir de sua relação com Doc. Depois de algum tempo de pesquisa, Whyte afirma que reconheceu o que ele nomeia como “indivíduos-chave”, ou seja, indivíduos que poderiam aumentar sua rede de contatos, fornecer nomes específicos que detivessem influência no local, facilitando sua entrada nos mais diversos grupos sociais do referido bairro estudado: “Durante meu período em Connerville, aprendi bem rapidamente a importância crucial de ter o apoio de indivíduos-chave de qualquer grupo ou organização que eu estudasse” (WHYTE, 2005, pag. 301).

Nesta obra é possível perceber que é a observação participante a principal técnica utilizada pelo autor, mas é importante ressaltar que ela apenas teve início a partir do contato com sua semente, o que possibilitou o alargamento da rede de contatos, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Porém, vale lembrar que o uso da amostragem em bola de neve pode ser utilizado também para a execução de outras técnicas de caráter qualitativo, como a entrevista.

Assim, após situar minimamente as definições relativas à amostragem em bola de neve, argumentando que, assim como toda técnica metodológica, deve ser utilizada para fins específicos de pesquisa, agora se problematizará as vantagens e desvantagens na utilização desta forma de amostragem.

ALCANCE E LIMITES DA AMOSTRAGEM EM BOLA DE NEVE

É de suma importância ponderar as limitações e potencialidades da amostragem em bola de neve – assim como qualquer outra forma de amostragem ou técnica de pesquisa – já que tais pontos irão influenciar a qualidade da pesquisa de campo e o alcance de seus resultados. Nesse sentido, existem algumas limitações específicas nesse tipo de amostragem, não que estas inviabilizem sua utilização, mas devem ser problematizadas, tanto para diminuir, na medida do possível, alguns vieses de pesquisa, quanto para considerar tais pontos na hora da análise dos dados.

Se a preocupação da pesquisa estiver relacionada a uma população relativamente pequena de pessoas, que possivelmente estejam em constante contato umas com as outras, a amostragem em bola de neve pode ser uma forma eficaz para construir uma base de amostragem exaustiva. Aqui, a amostragem de bola de neve pode ser utilizada enquanto um primeiro passo em um processo de duas fases para a obtenção de uma amostra representativa. Já no caso de pesquisas com grandes populações, a amostragem em bola de neve não irá produzir uma amostra representativa e aleatória. Nesse contexto, as pessoas mais “populares”, ou seja, mais reconhecidas por terceiros, terão maior probabilidade de ser indicadas ao entrevistador. Por outro lado, em grandes populações, as pessoas usualmente têm redes maiores de conhecidos, o que permite que estas indiquem maior número de contatos, em comparação com as indicações de grupos menores. É por isso que a amostragem bola de neve não mostra-se tão potente para pesquisas com grandes populações, já que cada pessoa não tem a mesma chance de ser indicada para participar da pesquisa.

Outro ponto delicado no uso da amostragem em bola de neve é o possível inconveniente de acessar apenas argumentações semelhantes, já que os indivíduos necessariamente indicarão pessoas de sua rede pessoal, o que pode limitar a variabilidade de narrativas possíveis. Porém, o peso dessa limitação pode ser reduzido em ocasiões em que há a possibilidade de obter sementes oriundas de redes diversas, aumentando a possibilidade de acessar redes diferentes e, conseqüentemente, narrativas mais plurais.

Ou seja, ao aumentar o número e os tipos de sementes, fomenta-se oportunidades de troca com maior variabilidade de discursos.

Outra questão a ser considerada como possível limitação da amostragem em bola de neve consta em May (2004, p. 158):

Entretanto, os pesquisadores também tem que estar cientes de que herdam as decisões de cada indivíduo quanto a quem é adequado entrevistar. Isso pode não representar um problema, mas pode levar o pesquisador a coletar dados que refletem perspectivas particulares e, assim, omitir as vozes e opiniões de outros que não são parte de uma rede de amigos e conhecidos.

Como a execução desse tipo específico de amostragem depende necessariamente de indivíduos indicados por terceiros, deve-se ter muito cuidado na forma como se realizará os primeiros contatos. É de extrema importância deixar muito claro os objetivos da pesquisa a todos os participantes, além de ressaltar o perfil de entrevistado a que se está procurando, porém, é impossível controlar totalmente a forma como as pessoas indicarão o pesquisador aos integrantes de sua rede pessoal. De qualquer maneira, isso pode ser minimizado ao se despende o máximo de tempo possível para o esclarecimento de objetivos aos informantes, bem como responder adequadamente a todas as possíveis dúvidas que surgirem no processo da pesquisa.

Apesar de todas essas limitações, há momentos em que a amostragem em bola de neve pode ser a melhor – e, em muitos casos, a única - forma disponível para se estudar determinado grupo. Dessa forma, a grande vantagem dessa forma de amostragem é o fato dos entrevistados serem recrutados a partir da relação pessoal das pessoas dispostas a indicar contatos, o que pode emprestar confiabilidade ao entrevistador, como alega Becker (BECKER, 1993, p. 155): “Essa estratégia resolve o problema de acesso de forma conveniente: pelo menos se conhece alguém que pode ser observado ou entrevistado, e pode-se tentar fazer com que este indivíduo o apresente a outros e seja seu fiador, desse modo deflagrando uma espécie

de amostragem em bola de neve”. Ou seja, a amostragem em bola de neve minimiza um dilema ético, ao pedir que um intermediador faça o contato entre você e o indivíduo que deseja entrevistar, já que estes fazem parte da mesma rede de contatos e, caso o segundo não queira participar da pesquisa, constrói-se uma possibilidade de declinar do convite de forma mais discreta do que se este negasse sua colaboração diretamente ao pesquisador.

UM EXEMPLO PRÁTICO

Para não limitar esta discussão num nível lógico-intelectual, forma de abordagem criticada por Whyte (2005), farei uma discussão dos processos de realização de uma dada pesquisa, na qual a amostragem em bola de neve foi fundamental para a fase de realização de entrevistas.

Durante os primeiros momentos de minha pesquisa de mestrado, no qual eu estava interessada em realizar entrevistas com funcionários de instituições que executassem medida socioeducativa de internação⁴, percebi as dificuldades que teria se dependesse da autorização institucional para acessar tais funcionários, dada a demora usual para a autorização de pesquisas por parte da Fundação CASA⁵. O objetivo desse trabalho foi compreender a forma como o adolescente internado é socialmente construído pelos funcionários que atuam na ponta do processo de atendimento, como psicólogos, assistentes sociais, professores e agentes de apoio socioeducativo, ou seja, por aqueles que executam e vivenciam

⁴ Verificada a ocorrência de um ato infracional – ou seja, a conduta descrita como crime ou contravenção penal, desde que realizada por jovens menores de 18 anos - a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente uma das medidas socioeducativas determinadas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a saber: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviço à comunidade, liberdade assistida (sendo estas medidas socioeducativas abertas), semiliberdade e internação (sendo estas medidas restritivas de liberdade).

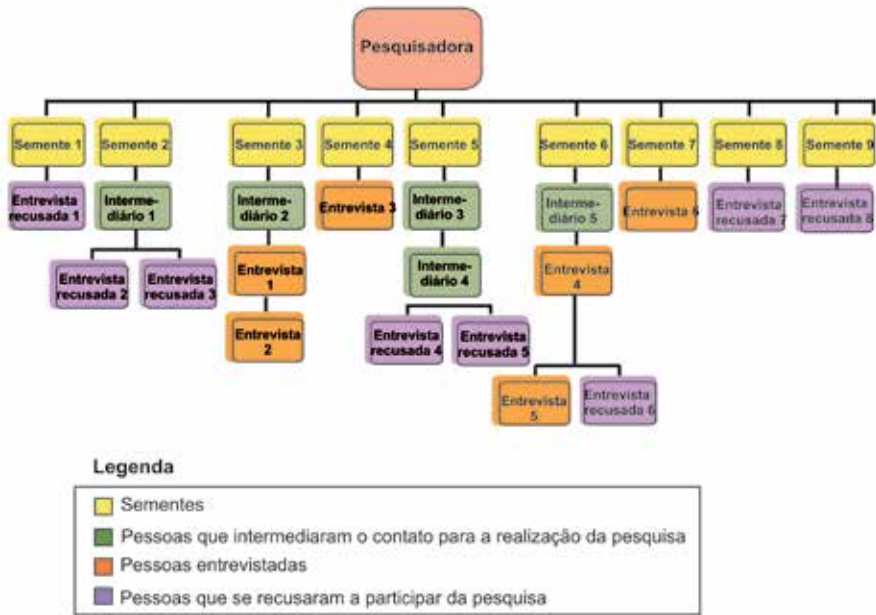
⁵ Até 2006 a instituição responsável pela execução das medidas socioeducativas restritivas de liberdade no estado de São Paulo era a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM), porém, nesta data foi substituída pela Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA).

a seu modo a medida socioeducativa determinada pelo Judiciário ao adolescente. Assim, o principal motivo pelo qual a amostragem em bola de neve se mostrou útil neste momento da pesquisa foi a necessidade de conseguir contatos que aceitassem me conceder entrevistas sem autorização institucional, já que eu não tinha a intenção de realizar entrevistas com o aspecto de denúncias, mas apenas acessar as classificações usualmente utilizadas por tais funcionários para atribuir significado ao comportamento do adolescente internado. Além disso, diversas pesquisas já apontaram que os funcionários de instituições de medida socioeducativa de internação sentem-se estigmatizados, dado que são considerados como torturadores ou coniventes com a violência perpetrada aos adolescentes (FARIAS E NARCISO, 2005; CORREA, 2007; MIRAGLIA, 2001). Dessa forma, a amostragem em bola de neve poderia ser útil devido ao difícil acesso a este grupo profissional.

Vale ressaltar que houve uma vantagem adicional não esperada na amostragem em bola de neve nesta pesquisa: se eu dependesse de autorização institucional para a realização das entrevistas com os referidos funcionários, necessariamente estas seriam realizadas dentro da própria Fundação CASA. Acredito que entrevistas em locais institucionais, como o ambiente de trabalho dos entrevistados, podem acarretar em narrativas diversas da que tive acesso em outros locais. Nem por isso tais narrativas devem ser consideradas como menos válidas, mas deve-se levar em consideração a tendência destas a se aproximar a um discurso próximo ao existente em diretrizes e normas institucionais.

Por conta das limitações citadas, realizei diversos contatos com outros pesquisadores, advogados, militantes dos direitos de crianças e adolescentes e amigos em geral, a fim de descobrir pessoas que tivessem o perfil adequado para me conceder entrevistas. Assim, algumas sementes indicaram pessoas que tivessem o perfil que eu estava procurando, ou seja, que trabalhassem ou já tivessem trabalhado em instituições de execução de medida socioeducativa de internação, que por sua vez indicam outros possíveis entrevistados, etc. O processo de recrutamento de entrevistados está explicitado na figura 1.

Figura 1:
 Rede de contatos acionados para realização de entrevistas, a partir do método bola de neve



Observação: Constam nesse gráfico apenas as pessoas com quem travei contato direto, sendo excluídas aquelas que não autorizaram nem a informação de dados para que eu tentasse contato

Um ponto relevante a ser observado na figura 1 é a possibilidade que tive de acessar várias sementes, o que possibilitou o contato com grande multiplicidade de informantes, seja em termos de profissão, trajetória ou tipos de Unidades na qual trabalharam. Outro ponto importante é o fato de algumas pessoas não aceitarem ser entrevistadas, e acredito que essa recusa fornece importantes informações sobre a rotina de trabalho vivenciada por tais funcionários, além de informações sobre a própria instituição na qual estes trabalham ou trabalharam. Nos casos das pessoas que me negaram entrevistas, a pergunta: “Você tem autorização para fazer essa pesquisa?” foi constantemente direcionada a mim, exceto nos casos em que as pessoas nem autorizaram que meu intermediário informasse seu contato, já explicando que não tem autorização institucional para dar entrevistas. Além desses casos, também houve pessoas que me concederam

entrevistas e, durante a conversa, comentaram sobre o receio da possível divulgação de seus nomes. Da mesma forma, em muitos momentos fui solicitada a não colocar determinado assunto no texto, ou pediram para desligar o gravador por alguns momentos.

Em todos os contatos que fiz, seja com possíveis entrevistados, seja com pessoas que poderiam me fornecer contatos de pessoas com o perfil que eu procurava, sempre fiz questão de deixar claro que nome nenhum seria divulgado, bem como qualquer informação que pudesse localizar meus informantes. Além disso, também me comprometi a enviar uma cópia de minha dissertação a todos àqueles que me concederam entrevistas, a fim de abrir espaço para que os entrevistados discutissem comigo minhas interpretações, antes de entregar a versão final na Universidade. Mesmo com todos esses cuidados, além do fato de ser apresentada por alguém da rede pessoal dos funcionários em questão, muitas das pessoas contatadas simplesmente não aceitaram falar comigo. Acredito que, além de constrangimentos institucionais⁶, o medo real de perder o emprego ou prejudicar terceiros influenciou para que as pessoas se recusassem a falar com uma estranha, e nesse sentido, tentei compreender tais recusas da mesma forma como fez Zaluar em seu trabalho de campo: “Essas dificuldades pessoais faziam parte da sua história de contatos com estranhos, e eu tive que engolir a frustração com o entendimento de que não podia apagar as marcas desses contatos anteriores” (Zaluar, 2000, p. 23).

Sobre essa dificuldade em acessar pessoas dispostas a conversar sobre sua prática profissional, vale lembrar que mesmo na democracia são comuns as tensões em publicitar dados, compreendidos muitas

⁶ O trabalho desses funcionários é influenciado pelo Decreto n. 58.052, de 16 de maio de 2012, que regula o acesso a informações das diversas instituições do Estado de São Paulo. Assim, em seu capítulo IV, artigo 27, é declarado que alguns tipos de informações são passíveis de restrição de acesso, como os documentos, dados e informações sigilosas e pessoais. Nesse sentido, um mau uso deste Decreto é o de nomear como informação restrita aquelas referentes à execução da medida socioeducativa de internação, usualmente sob a alegação de proteção do adolescente menor de 18 anos, mas que na prática torna-se uma forma de proteção das ações institucionais.

vezes enquanto segredos, já que ao mesmo tempo em que há o direito à informação, há também o direito à privacidade e à segurança, que implicam muitos constrangimentos legais e políticos. Tal tensão permite compreender a postura daqueles que não aceitaram participar da entrevista, porém, vale ressaltar que o simples ato de tornar público uma determinada questão não implica que se esteja necessariamente se desvendando um segredo, já que a publicidade pode apenas manter seus próprios segredos ao conter mentiras ou divulgar apenas pontos que não denigram a imagem de quem relata: “Apesar de tudo isso, os conteúdos, sentidos e lacunas não podem transformar uma informação na ausência dela mesma. Podem, sim, suscitar questões que demandem novas informações.” (ALMINO, 1986, p. 34-35).

De qualquer forma, esta discussão referente à necessidade dos indivíduos guardarem seus segredos deve ser aprofundada, já que isso pode influenciar a atitude desses a negarem-se a participar de pesquisas que abordem determinados temas. Nesse sentido, Simmel (2009) afirma que todas as pessoas têm esferas inacessíveis a terceiros, e que isso se constitui-se como uma vantagem no mundo moderno:

O segredo, enquanto dissimulação de certas realidades, conseguido por meios negativos ou positivos, constitui uma das maiores conquistas da humanidade. Comparado com o estado infantil em que toda representação é comunicada, em que todo empreendimento é visível a todos os olhares, o segredo significa uma enorme ampliação da vida, porque muitas das suas manifestações não se poderiam produzir na completa publicidade. O segredo oferece, por assim dizer, a possibilidade de que surja um segundo mundo junto ao mundo patente e de que este sofra a influência do outro (SIMMEL, 2009, p. 235).

Para o autor, a publicidade, mesmo sendo um estado desejável na democracia devido à ideia fundamental de que todos devem conhecer os fatos e as circunstâncias que lhes interessam, pode implicar uma “incitação psicológica para intervir” (SIMMEL, 2009, p. 241), e isso pode coagir os

indivíduos a não expressarem determinadas opiniões ou relatarem certos acontecimentos.

Assim, é compreensível a solicitação daqueles que conversaram comigo em manter segredo sobre algumas informações, bem como a não disponibilidade de algumas pessoas a sequer conversar comigo. Aliás, é o segredo que, além de manter uma situação de normalidade entre os atores, torna possível o trabalho de determinadas instituições: “Quando uma instituição dominante se sobrepõe aos interesses individualistas abarcando-lhes certos aspectos, poderá estar facultada a funcionar secretamente graças a uma autonomia formal, sem por isso desmentir a sua ‘publicidade’ no sentido do cuidado material dos interesses de todos” (SIMMEL, 2009, p. 236). Assim, o autor nomeia como discrição o respeito à esfera dos segredos alheios, sendo que este detém importância na estrutura das interações humanas. A discrição mantém o estado de coisas vigente e a estabilidade social, principalmente no que tange aos atos considerados maus, não porque o segredo – e a conseqüente discrição – esteja necessariamente ligado ao mal, mas porque o mal necessariamente liga-se ao que é secreto: “Por razões fáceis de alcançar, o imoral se esconde, mesmo quando não há punição social a temer, como no caso de certos desvios sexuais” (SIMMEL, 2009, p. 236).

Mesmo com todas essas mediações, consegui realizar algumas entrevistas semiestruturadas com os funcionários que aceitaram meu convite, a partir de meu objetivo que era acessar as formas como tais funcionários atribuem sentido às atitudes do adolescente com quem interagem cotidianamente, acessando as categorias e classificações produzidas e/ou reproduzidas por este grupo profissional que está em constante contato com o adolescente internado, delimitado direitos e deveres deste na vida cotidiana. Tais narrativas mostram-se como o espaço para os informantes evidenciem dilemas e questões cotidianas enfrentadas ao organizarem suas experiências diárias, sendo a entrevista uma via de acesso privilegiado aos significados dados pelos atores às suas ações. Poupart (2010) faz considerações específicas aos modos de execução de uma entrevista, afirmando que a mesma é uma experiência artificial, na qual evidencia-se a necessidade de alguns princípios que facilitam a

fala do entrevistado, a fim de reproduzir condições de familiaridade e cumplicidade entre as partes, mas que nem por isso tais falas devem ser consideradas como mentiras ou dissimulações. Ou seja, os discursos oriundos de uma entrevista não devem nem ser consideradas em si mesmas, nem descartadas como desprovidas de valor. Esta certamente é uma das dificuldades do trabalho sociológico, ou seja, avaliar as narrativas, posturas, silêncios, etc, a partir das características do ator que fala e do contexto no qual o mesmo está inserido, bem como das circunstâncias da realização da entrevista.

Segundo Poupart, há alguns paradoxos que permeiam o uso de entrevistas em pesquisas, como o fato de se pretender um método científico e, ao mesmo tempo, intencionar reproduzir as condições de trocas espontâneas, além de ser um instrumento técnico que aposta, dentre outras coisas, nas competências sociais do entrevistador, como capacidade de estabelecer relações, lançar mão de seus atributos sociais e culturais para conseguir a colaboração do entrevistado, e sua capacidade de adaptação à instabilidade da entrevista. O autor cita três tipos de vieses possíveis na execução de uma entrevista: ligados ao dispositivo de investigação, que remetem a deformações produzidas pela maneira de se realizar uma questão ou as circunstâncias de tempo e lugar na realização da entrevista, dentre outros; ligados à relação entrevistador-entrevistado, como diferenças de classe ou gênero, simpatia ou atenção do primeiro às falas do segundo; e ligados ao contexto da pesquisa, como a percepção do entrevistado sobre vantagens ou desvantagens que pode receber ao conceder uma entrevista. Sabendo de alguns dos vieses possíveis neste método, o pesquisador pode minimizar seus efeitos e problematizar suas consequências, levando-os em consideração no momento da análise dos dados do campo e sendo o mais transparente possível na exposição dos mesmos, mesmo sabendo que é impossível a realização de uma entrevista totalmente neutra ou imparcial. Porém, acredita-se que, apesar desses possíveis vieses, a entrevista permite acessar uma pluralidade de situações e contextos que facilitam a compreensão e problematização dos dados coletados no próprio campo.

Nesse sentido, só consegui realizar algumas entrevistas a partir da amostragem em bola de neve, porém, esta não pode ser analisada de forma isolada, já que a maneira como realizei os contatos, expliquei minha pesquisa, organizei o roteiro de entrevista, etc., foram fundamentais para que eu fosse aceita como uma interlocutora por meus informantes. Da mesma forma, um ponto que não pode ser desconsiderado aqui é o da empatia entre o entrevistador e o indivíduo entrevistado, já que todos os meus informantes foram contatos indicados por conhecidos e por isso, em maior ou menor grau, pressupunham minha postura pró-ECA. Esse contexto facilitou para que todas as entrevistas, sem exceção, acontecessem de forma fluída, e mesmo aquelas em que os entrevistados emitiam informações com as quais eu discordava, não houve nenhum momento de tensão. Mas, por outro lado, tenho por hipótese que justamente por essa pressuposição sobre quem seria a entrevistadora, muitos funcionários não aceitaram conversar comigo, principalmente nos possíveis casos em que os funcionários contatados discordassem totalmente das diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – alguns entrevistados que acabei discordaram apenas parcialmente. Isso traz alguma homogeneidade para as narrativas, e a amostragem em bola de neve acaba por não conseguir minimizar tal ponto justamente por depender da rede de contato dos entrevistados. Esta certamente é uma limitação que deve ser ponderada na análise, mas ainda assim, tais narrativas expuseram questões importantes que não podem ser desconsideradas, como o fato de mesmo as pessoas que aceitaram conceder entrevistas não construíram narrativas totalmente adequadas à legalidade de sua função profissional, como por exemplo, ao criticarem alguns pontos relacionados ao ECA.

Ainda nesse sentido, acredito que a fluidez do diálogo também se deu porque, antes da fase de entrevistas, me debrucei na leitura de bibliografia especializada, além de ter acesso às informações existentes nos relatórios, o que permitiu demonstrar certa familiaridade com nomes, locais, datas, etc, e com que os entrevistados me vissem como uma “iniciada” no assunto, criando, em maior ou menor grau, empatia entre as partes. Concordo-se aqui com o argumento de Martins (2004, p. 294) de que esse cenário provavelmente seria diferente se não houvesse empatia

entre entrevistadora e entrevistados. Assim, o acesso de grupos e culturas às quais o pesquisador não pertence depende de que ele convença o outro da necessidade de sua presença e da importância de sua pesquisa. Para que a pesquisa se realize é necessário que o pesquisado aceite o pesquisador, disponha-se a falar sobre a sua vida, introduza o pesquisador no seu grupo e dê-lhe liberdade de observação, exigindo uma aproximação baseada na simpatia, confiança, afeto, amizade, empatia, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já foi afirmado neste trabalho, o objetivo aqui está mais alinhado a iniciar um debate sobre a amostragem em bola de neve do que propriamente oferecer respostas. Intencionou-se delinear alguns consensos sobre esse tipo de amostragem, para enfim discutir os limites e potencialidades de sua utilização.

Um dos pontos que tentei ressaltar aqui é a importância a ser dada a outros aspectos da execução da amostragem em bola de neve, como os primeiros contatos, a necessidade de explicar ao máximo os objetivos da pesquisa para as sementes e entrevistados, o respeito ao segredo do outro, a preocupação com a boa execução da entrevista, entre outros pontos. Certamente, os entrevistados indicarão maior número de contatos nos casos em que este considere a pesquisa séria e bem executada, ou seja, a rede de contatos para o desenvolvimento da pesquisa será maior nos casos em que o pesquisador tenha uma postura responsável durante as interações com os entrevistados, sendo, portanto, de suma importância o planejamento minucioso de todas as fases da pesquisa. Em suma, a amostragem em bola de neve é apenas uma ferramenta, num contexto maior de trabalho, que pode auxiliar o pesquisador, mas que depende necessariamente da boa execução das outras fases da pesquisa.

Tais questões complexificam a amostragem em bola de neve, já que, se em um primeiro momento esta parece ser apenas um caminho fácil para acessar entrevistados, posteriormente levantam-se pontos no sentido

de sustentar que a amostragem em bola de neve não basta por si mesma, mas ao contrário, sua execução demanda atenção às sutilezas do campo. Assim, defende-se aqui que mesmo nos momentos em que a amostragem em bola de neve mostra-se como a única forma disponível para se estudar determinado grupo, deve-se atentar para as diversas nuances que perpassam a sua execução.

BIBLIOGRAFIA

- ALMINO, J. *O Segredo e a informação: ética e política no espaço público*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BECKER, H. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BERNARD, H. R. *Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches*. Lanham, MD: AltaMira Press, 2005.
- BIERNARCKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological Methods and Research* v. 10, n. 2, p. 141-163, Novembro de 1981.
- CORRÊA, V. B. D. Ressocializar ou manter a ordem social: dilema dos atores envolvidos na execução e aplicação das medidas socioeducativas privadas de liberdade. Porto Alegre, 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia, Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- FARIAS, P. S.; NARCISO, L. *Cadeia de chocolate: os funcionários da FEBEM falam*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.
- HANDCOCK, M. S.; GILE, K. J. On the Concept of Snowball Sampling. *Sociological Methodology*, v. 41, n. 1, p. 367-371, Agosto de 2011.
- MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.